
**CIBERFREIREANA:
ATRAVESSAMENTOS TECNOLÓGICOS NA EDUCAÇÃO**

**CYBERFREIREAN:
TECHNOLOGICAL CROSSINGS IN EDUCATION**

**CIBERFREIREANA:
CRUCES TECNOLÓGICOS EM LA EDUCACIÓN**

Aristóteles de Paula Berino¹
Roberta F. Sandim Soares²
Priscilla Brito Cosme³

RESUMO

O artigo propõe pensar acerca da comunicação e da educação a partir dos estudos da cibercultura na perspectiva das obras freireanas. A intenção é atualizar os aportes teórico-metodológicos para discutir a escola em espaços outros, inclinados para a construção da criticidade, do conhecimento transformador, atravessado pelo audiovisual no contexto da conectividade no fomento e uso pedagógico, além da formação de professores. Como método, tomamos embasamento teórico e bibliográfico acerca da interface do audiovisual focada no debate com a comunicação popular. Assim, propomos retomar as obras de Paulo Freire e a contribuição do seu legado para diálogos possíveis, por meio das tecnologias digitais na contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE: Audiovisual. Tecnologia. Metodologia. Aprendizagem.

Submetido em: 30/01/2023 – **Aceito em:** 23/05/2023 – **Publicado em:** 13/12/2023

¹ Professor Titular da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro no Departamento de Educação e Sociedade do Instituto Multidisciplinar (Campus Nova Iguaçu) e no Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEDuc/UFRRJ). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Paulo Freire, Currículo e Estudos Culturais, atuando principalmente nos seguintes temas: juventudes, cotidiano escolar, pedagogia da imagem, estética, cultura e identidades. Coordenador do grupo de pesquisa Estudos Freireanos Contemporâneos e Currículo (FRECON/UFRRJ). Membro do Fórum Estadual de Educação do Rio de Janeiro como representante da UFRRJ (2021-2023). Possui graduação em História pela Universidade Federal Fluminense (1990), mestrado em Educação pela Universidade Federal Fluminense (1994), doutorado em Educação pela Universidade Federal Fluminense (2004) e pós-doutorado em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2009). E-mail: aristotelesberino@yahoo.com.br.

² Doutoranda e mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEDuc/UFRRJ) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Atualmente, é membra do grupo de pesquisa Estudos Freireanos Contemporâneos e Currículo (FRECON/UFRRJ). E-mail: robertasandim@gmail.com.

³ Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (PPGEDuc/UFRRJ). Membro do grupo de pesquisa Estudos Freireanos Contemporâneos e Currículo (FRECON/UFRRJ). Graduada em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Mestra em Ciências da Comunicação, pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCom/UFPA), na linha de pesquisa Comunicação, Cultura e Socialidades na Amazônia, da Universidade Federal do Pará. E-mail: priscillacosmeb@gmail.com.

ABSTRACT

The article proposes to think about communication and education from the perspective of cyberculture studies and Freirean works. The intention is to update the theoretical-methodological contributions in order to think the school in other spaces, inclined to the construction of criticality, of transforming knowledge. Through the audiovisual in the context of connectivity in the promotion and pedagogical use, besides the formation of teachers. As a method, we take the theoretical and bibliographic basis about the audiovisual interface focused on dialogue through popular communication. Thus, we propose to resume the works of Paulo Freire and the contribution of his legacy to possible dialogues through digital technologies in contemporary times.

KEYWORDS: Audiovisual. Technology. Methodology. Learning.

RESUMEN

El artículo propone pensar la comunicación y la educación desde la perspectiva de los estudios sobre cibercultura y las obras freireanas. La intención es actualizar los aportes teórico-metodológicos para pensar la escuela en otros espacios, proclives a la construcción de la criticidad, del conocimiento transformador. A través del audiovisual en el contexto de la conectividad en la promoción y uso pedagógico, además de la formación de profesores. Como método, tomamos bases teóricas y bibliográficas sobre la interfaz audiovisual centrada en el diálogo a través de la comunicación popular. Así, proponemos retomar la obra de Paulo Freire y la contribución de su legado a posibles diálogos a través de las tecnologías digitales en la contemporaneidad.

PALABRAS CLAVE: Audiovisual. Tecnología. Metodología. Aprender.

HOME PAGE: REDES EM CONSTRUÇÕES

Este texto tem como principal questão a articulação da comunicação e do audiovisual na educação. Consideramos as dificuldades existentes na inclusão das linguagens audiovisuais como metodologia de ensino e construção do conhecimento.

A importância se justifica a partir das redes de formação que tomam as experiências como uma das dimensões da/sobre a formação docente de maneira colaborativa e partilhada.

As indagações atuarão como aportes para pensarmos novas perspectivas educacionais, considerando a ampliação do diálogo, e reformulação da relação do **ensinoaprendizagem** em espaços outros e para a formação de professores.

Objetivou-se buscar apoio na produção teórico-metodológica pautada na vertente freireana, em práticas coletivas e educativas e/ou produções audiovisuais construídas, pensadas e articuladas coletivamente.

Sendo assim, este texto possui caráter qualitativo, com embasamento teórico e bibliográfico acerca da interface da educação, da comunicação e da linguagem audiovisual. Nesse sentido, propomos retomar as obras freireanas a fim de buscar apoio para pensar a cibercultura. Para



tal, exploramos estudos acerca da comunicação no campo da educação, entendendo essas teorias como pertinentes para o processo de **ensinoaprendizagem** na contemporaneidade.

Audiofreireana: Movimentos Educativos Imagéticos

O audiovisual pode ser entendido a partir da integração de imagens e sons cuja intenção é produzir sentidos. Nesse contexto, é possível afirmar que a produção audiovisual está sob o tripé dos elementos verbais, imagéticos e sonoros. A confecção do audiovisual e a feitura de um roteiro requerem reflexão e inovação, afinal, durante muito tempo foi uma abordagem projetada para produções cinematográficas, televisivas e vídeos para entretenimento na internet.

Cabe salientar que, no âmbito político, a comunicação aliada à escola, como nos sugere Freire – para a conscientização e a transformação da realidade – precisa se revolucionar e se adaptar ao mundo criativo intermediado pela tecnologia, ampliando o conceito de **ensinoaprendizagem** para a criticidade (FREIRE, 2013).

Com grande repercussão, o audiovisual alcançou enorme destaque no período pandêmico estabelecido pela crise da covid-19, iniciada em 2020, ocasionando o encerramento das aulas em escolas e universidades. Consoante aos dados da Unesco (2021), os números de estudantes afetados mundo afora ultrapassam a marca de 90%.

Nesse sentido, práticas de cultura contemporânea emergiram no âmbito das tecnologias e no universo comunicacional. As redes sociais, em especial, nos ambientes educacionais, são fundamentais no processo da construção da aprendizagem e do diálogo coletivo. A práxis freireana tem esse objetivo de **encontro** ao caminho da aprendizagem, construída coletivamente, acerca do processo histórico, cultural e social da comunidade.

Assim, as releituras da obra de Paulo Freire emergem, hoje, diante da linguagem audiovisual, das redes sociais “linkadas” à ciberultura, sobretudo em relação à comunicação participativa e horizontal, na medida em que os homens transformam a cultura em produto de seu trabalho e, dessa maneira, podem recompor, através de sua prática, a construção do conhecimento.

Para além da escrita a partir da oralidade, somos invadidos pelos elementos visuais e sonoros atuantes na produção de sentidos, os quais adicionam efeitos para a comunicação. É imprescindível que se alcance os significados produzidos na linguagem simbólica; nesse sentido, nos atemos aos recursos técnicos, tais como ângulo, regras dos terços, enquadramento,

iluminação ou ainda a edição a fim de complementar com outros vídeos e sons, aportes necessários para a composição da linguagem audiovisual.

O que eu acho é que não é possível se resistir à nova linguagem. Aliás, eu não as vejo antagônicas, mas conciliáveis, constantemente. E nesse sentido eu tenho a impressão de que haveria uma riqueza imensa nessa conciliação. Vê: uma nova linguagem que não a escrita poderia ajudar enormemente, do ponto de vista técnico, ao que eu chamo “leitura do mundo” e, portanto, “leitura da realidade”, não necessariamente através da palavra escrita. Não vejo nisso antagonismo nenhum. Pelo contrário, vejo até que a leitura do mundo termina por colocar a leitura da palavra. Aí, então, a escrita da palavra e a sua leitura, uma vez mais, estariam associadas dinamicamente com a leitura do mundo (FREIRE; GUIMARÃES, 2011, p. 69).

A práxis freireana tem esse objetivo de **encontro** da aprendizagem, construída coletivamente, acerca de um processo histórico, cultural e social. Dessa forma, o diálogo e a consciência crítica caminham juntos para a construção dos saberes relacionada à subjetividade, como as narrativas ouvidas pautadas no cenário cotidiano dos educandos.

Comunicação

Na obra **Extensão ou Comunicação?**, são apresentados conceitos desenvolvidos na década de 1960, no entanto, permanecem atuais, assegurando o legado freireano na educação contemporânea. Freire (2011) aborda como o conceito de comunicação, o ser humano como **sujeito em relação com o mundo, relação entre os homens**. Em contrapartida, a comunicação pelo ato da transmissão. Freire (2011, p. 91) afirma que “A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”.

Comunicar é comunicar-se em torno do significado significante. Desta forma, na comunicação, não há sujeitos passivos. Os sujeitos cointencionados ao objeto de seu pensar se comunicam seu conteúdo. O que caracteriza a comunicação enquanto este comunicar comunicando-se, é que ela é diálogo, assim como o diálogo é comunicativo. Em relação dialógica-comunicativa, os sujeitos interlocutores se expressam, como já vimos, através de um mesmo sistema de signos linguísticos. É então indispensável ao ato comunicativo, para que este seja eficiente, o acordo entre os sujeitos, reciprocamente comunicantes. Isto é, a expressão verbal de um dos sujeitos tem que ser percebida dentro de um quadro significativo comum ao outro sujeito (FREIRE, 2011, p. 88-89).

A contribuição de Paulo Freire no campo da comunicação instituiu resistência ao modelo hegemônico respaldado na caracterização mecânica de comunicação como transmissão de informação, um desarranjo no conceito em que o “emissor é aquele que fala e o receptor aquele

que recebe passivamente”, o diálogo estabelece a centralidade do pensamento freireano promovendo a comunicação popular.

Por conseguinte, fomos observando outras maneiras de comunicar, divulgar, produzir e receber informações, reconfiguramos tempo, espaço, linguagem. Logo, novos arranjos **espaçotemporais** emergem e com eles novas práticas educativas. Sendo a cibercultura o contexto atual, não podemos pesquisá-la sem uma efetiva imersão. Nessa direção, usufruímos da repercussão da linguagem audiovisual, considerada a partir de vídeos disponibilizados em redes sociais e páginas públicas da internet, somados aos seus artefatos, como composição da nossa “leitura de mundo”. Como professores(as), pesquisadores(as) e estudantes, buscamos com Freire (1987) alcançar uma coesão entre as palavras e nossas ações e, dessa maneira, quem sabe nos inspirarmos a **estar no mundo**.

O mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono, meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito das ocorrências. Não sou apenas objeto da história, mas seu sujeito igualmente (FREIRE, 2018, p. 74-75).

Nesse aspecto, um manancial de possibilidades e encontros necessita de fluidez, apontando que a formação de professores reivindica maior interatividade, conectividade, portanto, há uma reconfiguração da educação e dos processos educacionais somados às mídias audiovisuais, que surtiram como o efeito na iminência de outras práticas pedagógicas na cibercultura, em específico, na pandemia.

Se, por outro lado, este mundo histórico-cultural fosse um mundo criado, acabado, já não seria transformável. Mais ainda: se fosse um mundo acabado, não seria mundo, como tampouco o homem seria homem. Homem é homem e o mundo é histórico-cultural na medida em que, ambos inacabados, se encontram numa relação permanente, a qual o homem, transformando o mundo, sofre os efeitos de sua própria transformação (FREIRE, 2011, p. 103).

Os materiais antes considerados a partir da comunicação oral, da composição escrita, exigiram um enorme cuidado de transposição de textos. O planejamento passou a ser determinado pela exibição no vídeo cuja narração tem como fundamento o audiovisual.

O próprio momento de confeccionar um material é altamente pedagógico, político, enquanto prática. A prática de fazer, de criar, de pensar, de projetar um material adequado, que corresponda melhor às condições concretas, sociais, da população de uma área; a prática de executar, de avaliar, de medir a utilidade e a eficiência de um material é uma prática profundamente pedagógica! (FREIRE; GUIMARÃES, 2011, p. 131).



Nesse sentido, o autor nos conduz para a elaboração de aulas mais criativas apoiadas na linguagem audiovisual, de maneira que abarquem atividades formativas que concedam o compartilhamento de saberes a partir da experimentação da linguagem audiovisual articulada ao processo de criação e toda a construção de que carecem os diferentes formatos audiovisuais. A produção dos vídeos para fins didáticos precisa seguir o rigor diante da demanda de professores e alunos, sendo relevante pelo uso da linguagem audiovisual antes mesmo dos artefatos tecnológicos e toda a instrumentação que compõe os desafios dessa linguagem.

Dentro desse conjunto de ideias que você lança, eu percebo fundamentalmente um ponto, que está implícito na sua sugestão, que é o de evitar a separação entre pensar, programar, executar, criar os materiais e usá-los. O que você evita, com a sua sugestão, é que exista uma espécie de indústria para, separada da prática pedagógica: que alguns iluminados pensem em joguinhos e brincadeiras disso e daquilo, e que fabriquem esses materiais de fora da realidade em que eles serão utilizados (FREIRE; GUIMARÃES, 2011, p. 132).

Com os efeitos das modificações mediatizadas pela cibercultura, foi inevitavelmente surpreendente nos depararmos com a própria imagem reproduzida por um vídeo. Passamos a gravar aulas, elaboramos a formatação e a disponibilização dos conteúdos, pensamos qual seria a melhor forma de projetar as ideias, de que maneira os conteúdos poderiam ficar melhor dispostos. Nesse sentido, Freire (2011, p. 97) nos ajuda a pensar sobre os aspectos de autoavaliação, sobretudo quando afirma: “Rever-se em teipe: momento crítico de avaliação da prática”.

Tomemos agora o exemplo disso: se a gente vê um teipe da discussão que a gente fez. Na discussão, através do corpo também, do gesto, da entonação da palavra, a gente revela uma certa maneira de perceber o objeto discutido. Se eu me revejo depois, eu percebo como percebia o objeto na hora em que eu debati. Isso, para mim, é profundamente importante no processo educativo, porque é um momento crítico de avaliação da prática também. Eu cheguei a fazer essas coisas algumas vezes – claro, não muitas – em teipes que foram feitos comigo em universidades norte-americanas. Pude ver isso, inclusive, com um período longo. [...] vou a uma universidade no ano de 1982, volto em 1983 e, às vezes, tenho a chance de ver e de ouvir um pouco das coisas que eu disse, etc. E é sempre um momento de riqueza, não há dúvida nenhuma (FREIRE, 2011, p. 97).

Em resumo, somos formados pelo enfrentamento das dificuldades, complexas e imprevisíveis tarefas do viver e, “como não há homens sem mundo, sem realidade, o movimento parte das relações homens-mundo” (FREIRE, 1987, p. 74). À vista disso, mídia e educação estão mais circundantes para as transformações sociais neste momento, suscitando as diversas formas de comunicação.

*CiberMediaçõesFreireanas*

Dizemos, com Lévy (1999, p. 16), que “o crescimento do ciberespaço resulta de um movimento internacional de jovens ávidos para experimentar, coletivamente, formas de comunicação diferentes daquelas que as mídias clássicas nos propõem”. Assim, professores desenvolveram metodologias próprias a fim de promoverem o processo de **ensinoaprendizagem**, superando os modelos prontos e formatados, que, de alguma maneira, ainda são observados nas escolas. “Estamos vivendo a abertura de um novo espaço de comunicação, e cabe apenas a nós explorar as potencialidades mais positivas deste espaço nos planos econômico, político, cultural e humano” (LÉVY, 1999, p. 17).

Assim, “A busca, a pesquisa, a curiosidade, a inventividade, a imaginação, o correr-risco-para-criar...tudo isso vem, de forma muito forte, conotando-nos como uns certos especiais seres que somos, humanos históricos [...]” (FREIRE; GUIMARÃES, 2011, p. 45). As invenções são produzidas em movimentos não institucionalizados, não prescritos em padrões normativos, vivenciados em redes de **saberesfazeres** cotidianos. Os sujeitos criam formas de negociar saberes, poderes e fazeres, não se deixando localizar, por meio de movimentos **táticos** e rápidos, virtuais (CERTEAU, 1994).

É neste sentido que volto a insistir na necessidade imperiosa que tem o educador ou educadora progressista de se familiarizar com a sintaxe, com a semântica grupos populares, de entender como fazem eles sua leitura do mundo, de perceber suas “**manhas**” indispensáveis à cultura de resistência que se vai constituindo e sem a qual não podem defender-se da violência a que estão submetidos (FREIRE, 2001, p. 107, grifo nosso).

Diante desse cenário, a educação não poderia negar ou ir em direção oposta aos usos culturais atravessados pela produção audiovisual. Procuramos articular prática-teoria-prática, buscando a reelaboração das experiências vividas por meio do diálogo com os elementos de produção/criação/reprodução em acordo com Freire (2018).

A cada novo período, as mediações tecnológicas circulam entre professores e alunos, assim, a educação e a pesquisa caminham ao encontro dos usos culturais que atualmente são também oportunizados através da linguagem audiovisual. Portanto, são meios que podem ser acionados tanto pelo educador quanto pelo educando ou por ambos, simultaneamente. Nesse sentido, Freire (2022, p. 142) nos ajuda a pensar:

O papel ativo do homem em sua e com sua realidade. O sentido de mediação que tem a natureza para as relações e comunicação dos homens. A cultura como o acrescentamento que o homem faz ao mundo que não fez. A cultura como resultado de seu trabalho. Do seu esforço criador e recriador. O sentido transcendental de suas



relações. A dimensão humanista da cultura. A cultura como aquisição sistemática da experiência humana.

A cultura associada à comunicação dentro da prática educativa é sempre muito importante para Paulo Freire, até para compreender a prática. Como seres que precisam se comunicar, compreendemos que não existe processo educativo sem comunicação, sem a questão básica da comunicação, sejam educandos ou educadores, ou no que diz respeito a sua relação com a sociedade.

Com o surgimento da internet, a partir da década de 1960, também surge “novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização, de transação, mas também novo mercado da informação e do conhecimento” (LÉVY, 1999, p. 31), provocando a sociedade para uma (re)organização cultural, a ciberultura e o crescimento do ciberespaço. Assim, a ciberultura pode ser compreendida como um “conjunto de técnicas, de práticas, de atividades, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (LÉVY, 1999, p. 17).

Reiteramos a compreensão deste conceito com Santos (2019, p. 20), ao afirmar que:

A ciberultura é a cultura contemporânea que revoluciona a comunicação, a produção e circulação em rede de informações e conhecimentos na interface cidade-ciberespaço. Logo, novos arranjos **espaçotemporais** emergem e com eles novas práticas educativas. Sendo a ciberultura o contexto atual, não podemos pesquisar sem a efetiva imersão em suas práticas.

Nessa esteira, Lemos (2008) aborda a ciberultura como a cultura digital que oportuniza mudanças de hábitos sociais, práticas de consumo cultural, produção e disseminação da informação, conduz novas relações, delineia a comunicação social através das mídias.

Com a ciberultura, estamos diante de um processo de aceleração, realizando a abolição do espaço homogêneo e delimitada por fronteiras geopolíticas e do tempo cronológico e linear, dois pilares da modernidade ocidental. No entanto, essa conectividade generalizada não é isenta de críticas (LEMOS, 2008, p. 72).

A ciberultura faz parte do currículo e diz respeito a uma criação cotidiana daqueles que fazem a escola. E, se por um lado, temos a plena consciência de que alguns conteúdos estão irremediavelmente prejudicados perante os contextos que nos atravessam, felizmente no mundo tem muito mais coisas para aprender do que aquilo que cabe nos currículos oficiais das diferentes escolas. Nesse contexto, usufruímos da repercussão da comunicação e nos apoiamos na linguagem audiovisual, somados aos seus artefatos, na ciberultura.

Os novos *media* permitem a comunicação individualizada e bidirecional, em tempo real. Isto vem causando mudanças estruturais na produção e distribuição da informação, tanto em jornais, televisões, rádios e revistas quanto ao setor de

entretenimento como o cinema e a música. A tecnologia digital proporciona, assim, uma dupla ruptura: no modo de conceber a informação (produção por processos microeletrônicos) e no modo de difundir as informações (modelos Todos-Todos). Alguns autores chegam mesmo a falar de um domínio dos meios de produção pelo público (LEMOS, 2008, p. 79).

Nessa direção, acreditamos que no livro **Educar com a Mídia: Novos Diálogos sobre Educação**, Paulo Freire, em diálogo com Sérgio Guimarães, rememora situações intermediadas pelas tecnologias e, apesar de uma significativa distância temporal, já defende uma abordagem das tecnologias em seu conceito técnico, entendendo-as de maneira ampla para o papel ativo e criativo do educando (FREIRE; GUIMARÃES, 2011). Relata sobre a admissão das tecnologias a partir de uma abordagem crítica a ser considerada dentro de pedagogia dialógica obviamente sem negar os interesses econômicos e nos remete à seguinte circunstância:

Eu mesmo já dei entrevista sobre nosso livro num desses programas em que o radialista transmite o programa de nossa própria casa. Um outro entra no ar, dá um palpite, faz perguntas etc. São programas em que o ouvinte conversa com o ouvinte, mediado pela estação de rádio (FREIRE; GUIMARÃES, 2011, p. 52).

Hodiernamente, constitui-se como uma questão axiomática, pois estamos enfrentando o desafio da educação popular o que nos desloca para a construção de novos paradigmas educacionais a culminar na constante recriação das práxis pedagógicas libertadoras (FREIRE, 1987). Com efeito, arriscamos, dentro dos espaços possíveis, mídias sociais e digitais, repensando o espaço da escola.

Assim, dialogamos com as obras de Paulo Freire na intenção de problematizar essa realidade no âmbito histórico e sociocultural e refletir sobre os processos de mudança. O ato de abordagem dessas questões requer uma espécie de desassossego fomentado por uma realidade comum coletiva de um enfrentamento das circunstâncias, ou seja, pensar de forma crítica, (re)pensando a comunicação popular.

Como ponto de atenção, julgamos pertinente abordar que as redes tecidas por professores têm como base a análise de suas práticas, das necessidades que emergiram com a importância do trabalho coletivo nas experiências curriculares, vivências que nos permitem continuar acreditando na nossa capacidade de resistência, de criação para a continuidade da escola pública e para nós mesmos. Formamos redes de apoio, grupos para professores através das redes sociais, e conversamos, desabafamos, dialogamos, promovendo interações e tecendo redes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cibercultura é um espaço fértil de produção de aprendizado, troca de conhecimento e aprimoramento de novas pedagogias de interação. Paulo Freire contribui para esse diálogo entre



educação e comunicação, favorecendo um campo de debate e discussões para formações de professores, e demais debates a partir da vertente tecnológica com o uso da conectividade.

Através da bibliografia freireana, é possível observar a amplitude de recortes metodológicos, com base nos artefatos tecnológicos e processos curriculares que podem contribuir no processo de **ensinoaprendizagem** do educando, abordagens teóricas criadas e re(criadas) a partir da inserção do audiovisual em sala de aula e, também, na formação de professores.

A educação libertadora e dialógica ganha força neste processo de construção de redes pedagógicas em torno da comunicação popular feita, realizada e pautada na realidade do educando e da comunidade escolar.

REFERÊNCIAS

- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 1. artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 57. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018.
- FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Educar com a mídia: novos diálogos sobre educação**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.
- LE MOS, André. **Ciberultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 4. ed. Porto Alegre: Editora Sulina, 2008.
- LÉVY, Pierre. **Ciberultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- SANTOS, Edméa. **Pesquisa-formação na ciberultura**. Teresina, Piauí: EDUFPI, 2019.
- UNESCO. **Educação: Da interrupção à recuperação**. Paris: Unesco, 2021. Disponível em: <https://pt.unesco.org/covid19/educationresponse>. Acesso em: 27 jan. 2023.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.